



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Um monumento efêmero: O Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial De Nova York de 1939

PALAVRAS-CHAVE: *Lucio Costa; Pavilhão Brasileiro; Arquitetura Moderna Brasileira; arquitetura efêmera*

RESUMO EXPANDIDO:

Lucio Costa detestava a oratória na vida e na arte da mesma forma, mas considerava que um tom de conversa era compatível com diferentes graus de formalidade e cerimônia. Escrevendo em 1944 sobre *The need for a new monumentality*, Giedion elogiou o edifício do Ministério da Educação e a Feira Mundial de 1939 em Nova York¹. Em sua opinião, a feira foi um megaevento proporcionando grandes espetáculos capazes de fascinar o povo com jogos de água, luz, som e fogos de artifício. Giedion estava promovendo centros comunitários como o novo tipo de monumento cívico moderno e uma inferência plausível é que ele os imaginava modelados a partir de pavilhões de feira modernos exemplares como o projetado por Lucio e Niemeyer. Mesmo que implícita e inadvertidamente, Giedion tocou num ponto importante que é facilmente passado por alto. A definição clássica de um monumento é uma estrutura erigida para comemorar pessoa, ideia, ação de eventos. Um monumento é um dispositivo de celebração, mas esta não pede forçosamente pomposidade e grandiloquência, nem seus dispositivos são forçosamente feitos para durar. Um monumento efêmero não é um oxímoro. Pavilhões nacionais de feira se encaixam nesse nicho. A celebração da República de Weimar era o objetivo principal do Pavilhão alemão em Barcelona por Mies van der Rohe e a celebração do Reich nazista seria o principal objetivo do seu projeto não construído (1934) para o Pavilhão Alemão na Exposição Internacional de Bruxelas de 1935². A controvérsia acompanha frequentemente os monumentos, efêmeros ou permanentes. Em seu prefácio de 1945 para outra mostra e catálogo do Museu de Arte Moderna de Nova York, *Built in USA: since 1932*, Elizabeth Mock incluiu o Pavilhão do Brasil entre os logros arquitetônicos dos anos trinta e começo dos quarenta e diferenciou a monumentalidade democrática boa (exemplificada pelo Ministério da Educação) e a monumentalidade totalitária ruim (exemplificada pela arquitetura fascista, nazista e soviético), mas não foi muito convincente, porque o Estado Novo de Vargas não era exatamente uma democracia ao estilo liberal americano, a arquitetura promovida por Mussolini incluía a Casa del Fascio de Terragni e os prédios da administração Roosevelt, já notava Giedion, eram tão pesados como os que vinham de Berlim, Moscou e Roma³. A efemeridade, porém, é relativa. A linhagem dos pavilhões de feira por certo inclui estruturas erguidas para eventos especiais, entre eles coroações reais e festivais revolucionários. Essas estruturas podem ser muito elaboradas, como a longa galeria e os arcos triunfais projetados para a coroação do imperador do Brasil D. Pedro II em 1841 pelo arquiteto Manuel de Araújo Porto Alegre – cujo nome, aliás, é comemorado em uma das ruas ao redor da quadra ocupada pela sede do Ministério da Educação, o tipo mesmo do monumento moderno que desafia o tempo. As estruturas de Araújo Porto Alegre não duraram muito. Contudo, não foram totalmente perdidas. O papel preservando a pedra, elas sobrevivem nos desenhos originais, gravuras posteriores e testemunhos contemporâneos. Da



mesma forma, o Pavilhão Brasileiro sobrevive em desenhos, descrições e fotografias. Para nos lembrar da maioridade da arquitetura moderna tanto quanto do mundo de amanhã de ontem.

- 1 "The need for a new monumentality" in *New Architecture and City Planning*, Paul Zucker ed. (New York: Philosophical Library, 1944), 549-568.
- 2 Terence Riley and Barry Bergdoll, eds. *Mies in Berlin* (New York: MoMA, 2001), 284-287.
- 3 Elizabeth Mock, ed., *Built in USA: since 1932* (New York: MoMA, 1945), 9-25. Mock overrates the Corbusian influence in the Brazilian Pavilion and credits the Ministry of Education final design to Le Corbusier, without even mentioning the Brazilian team.